



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 29 DE OUTUBRO DE 1958.

NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓ-  
LICA.

É pela primeira vez que falo de maneira particular à mocidade estudiosa sôbre a política exterior do Brasil. Podeis por isso mesmo avaliar que me sinto comovido e, ao mesmo tempo, grato pela oportunidade que me é oferecida. Sei que encontrarei, entre os jovens estudiosos, uma acolhida incomparável para certas idéias e certos impulsos que provocaram a eclosão.

1013

da Operação Pan-Americana, movimento de tomada de consciência de toda a América em face de muitos perigos do mundo moderno e da constatação de vivermos num ambiente contraditório — a coexistência da extrema riqueza e da extrema miséria neste Novo Mundo, que luta para defender suas idéias e se ergue contra a ameaça materialista e antidemocrática do bloco soviético. Como vivemos numa comunidade de povos livres, como a honra de nossa civilização consiste em podermos falar claro — a Operação Pan-Americana é um gesto nascido de sincera vontade de colaborar, de agir, de valorizar a causa do Ocidente.

1014 Poucos cenários seriam tão apropriados quanto este para cuidar de temas ligados às relações entre os povos. Desde os primórdios de nossa história, vimos recebendo os benefícios das idéias fecundas dos grandes pensadores da Igreja, traduzidas nas obras de Vitória, Suarez, e de outros em normas práticas de vida e de convivência sobre novas terras que se revelavam ao mundo maravilhado do Renascimento. Essas normas, postas à prova com tanto êxito na obra incansável e desassombrada das missões, visavam à preservação da personalidade do gentio, protegendo-o da sanha escravizadora dos homens de além-mar, propiciando-lhe maior participação nos frutos da terra, aperfeiçoando-lhe o comportamento individual e coletivo, trazendo-o finalmente para o insubstituível abrigo da doutrina de Cristo.

1015 Eis porque a política exterior do Brasil teria de nortear-se sempre pelos preceitos da ética cristã, integrados na consciência de nosso povo, pois correspondem ao imperativo da valorização do homem, como criatura de Deus e, ao mesmo tempo, criador de valores espirituais. Assim vem ocorrendo desde os nossos primeiros passos como nação independente, Império e República, na paz e na guerra. Esse conceito fundamental, de humanismo intransigente, se manteve inal-

terável, não obstante a diversidade dos problemas que fomos chamados a enfrentar, em estágios sucessivos, para assegurar o bem-estar de nosso povo e fixar uma posição clara inconfundível para o Brasil no concôrto das nações.

Jamais deixamos de observá-lo, quer nas relações de Estado a Estado, quer nas tentativas sempre renovadas, dirigidas no sentido de encontrar, através de esforços conjugados de tôdas as nações do Continente, as soluções que melhor atendessem aos reclamos do homem americano. Com êste espírito, o Brasil orientou a sua ação no encaminhamento de suas questões de limites, na mediação de litígios entre nações irmãs e na participação construtiva da grande obra da definição e realização dos ideais pan-americanistas. Essas as linhas mestras de nossa política exterior, as mesmas linhas que não poderiam deixar de estar presentes nos novos caminhos que propomos ao país nesta hora de incertezas e apreensões da vida internacional. 1016

Seria, por outro lado, do mais completo irrealismo desconhecer que não tínhamos no Brasil, até há poucos anos, uma consciência bem nítida dos novos problemas e das novas necessidades de nossa posição internacional. Nossos problemas de fronteiras estavam resolvidos, com mestria e com espírito pacifista; acreditava-se que nossas grandes linhas de ação estavam perfeitamente traçadas na medida em que elas decorriam de alguns princípios válidos e imutáveis, consentâneos com a índole de nosso povo e com a tradição americanista de sua evolução. As questões de política externa se resolviam, com paciência e com habilidade, no silêncio de nossos gabinetes e de nossa Chancelaria, sem que se sentisse a necessidade de colocá-las perante a opinião pública nacional. 1017

Em minha última Mensagem ao Congresso Nacional, procurei justamente assinalar que a nova po- 1018

sição internacional do Brasil, posição que se devia não somente ao progresso e ao desenvolvimento de um país estuante de vida, como também ao novo escaalonamento de potências, ao término da Segunda Guerra Mundial, fazia com que, pela primeira vez em nossa história, as questões de política exterior pas-sassem a interessar vivamente ao Parlamento, à im-prensa e a camadas cada vez mais extensas da vida brasileira. Deixei, outrossim, expresso que essa am-pliação de debate em tórno de temas internacionais, longe de constituir um obstáculo à ação do Govêrno brasileiro, constituía, ao contrário, uma fonte preciosa de orientação e de ensinamentos. Seremos, dora-vante, obrigados a dar conta ao país e a dar conta ao povo de tudo o que estamos fazendo e de tudo o que pretendemos fazer para defender e preservar os interêsses do Brasil no campo internacional. É o que faço agora, ao dirigir-vos a palavra sôbre uma inicia-tiva que teve o grande mérito, se outro não tivesse, de atrair os olhos do Brasil para a América que o circunda e para o mundo em que terá de viver.

1019

Ao assumir a responsabilidade da direção dos ne-gócios externos, quando fui alçado à posição de Chefe do Govêrno, procurei, desde logo, orientar a ação da diplomacia brasileira no sentido da consideração de problemas que reclamavam soluções urgentes e ina-dáveis, no plano interno e internacional. Avultava entre êles, com prioridade absoluta, o da aceleração do desenvolvimento econômico do Brasil e dos outros países da América Latina. Para tratá-lo, estávamos, como ainda estamos, plenamente convencidos, dada a interdependência de estruturas econômicas, de que na ação multilateral, harmônica e conjugada, reside o estímulo para a obtenção de níveis cada vez mais altos de vida e de bem-estar social.

1020

Adstrita a uma economia rudimentar, dependente da exportação de produtos primários para assegurar

a sua subsistência e os meios indispensáveis ao seu desenvolvimento econômico, a coletividade latino-americana vem-se movendo num círculo vicioso de frustrações, que se transformam em fatores de intranquilidade social e política. Parece-me supérfluo assinalar que a manutenção indefinida desse estado de coisas transformaria nossas sociedades em um cadinho de ressentimentos e de revolta, prêsa fácil das generalizações simplificadoras das doutrinas materialistas, que acenam com soluções rápidas e drásticas.

A gravidade do problema se acentua quando atentamos para a conjuntura internacional de nossos dias, vividos sob o impacto de um conflito, perfeitamente caracterizado, entre duas concepções de organização político-social dos agrupamentos humanos. O caminho mais seguro para entregar a América Latina à ação do materialismo desagregador é, precisamente, o do desconhecimento de suas desalentadoras condições materiais. Relegar a segundo plano a consideração de problemas econômicos irrecusáveis da maior gravidade equivaleria, com o correr do tempo, pelo seu agravamento progressivo e natural, a transformá-los na preocupação única dos povos por eles atingidos. Não há, a História nos ensina, consciência das liberdades cívicas e da luta pela sua preservação, quando a própria subsistência se encontra ameaçada pelos rigores do pauperismo. Combatê-lo sob tôdas as formas é a obrigação que se impõe a povos e indivíduos que afirmam pautar a sua conduta pelos ensinamentos dos Evangelhos.

1021

Estudos realizados à base da projeção de fatores dinâmicos vêm demonstrar que, com o correr dos anos, tende a acelerar-se o empobrecimento da América Latina, em relação a outras áreas políticas e demográficas.

1022

Na realidade a América, que foi a grande pioneira da idéia da integração regional, se vai deixando dis-

1023

tanciar por outros agrupamentos de países, numa era em grande parte caracterizada pelo fenômeno do *continentalismo*, que é hoje um expressivo meio termo entre as demasias e egoísmos do nacionalismo e as generalizações do universalismo. A unidade continental representa, portanto, para nós, um primeiro passo para um papel mais vivo e mais atuante da América Latina no encaminhamento dos grandes problemas internacionais. É, entretanto, indispensável que essa unidade se encontre na prosperidade conjunta, no progresso simultâneo de todos os nossos países, e que não se traduza apenas numa identidade de privações e numa solidariedade de penúria.

1024

Ao reclamar uma voz mais forte para a América Latina na comunidade das nações, a Operação Pan-Americana não ignora que, nas duras realidades da política de poder, essa voz não se poderá fazer ouvir sem que tenha sua origem em países de economia sadia e de instituições sociais perfeitamente estabilizadas. Não podemos cumprir os nossos deveres para com o mundo antes de cumprirmos nossas obrigações primordiais para conosco, para com as gerações que seguirão os nossos países neste Continente cristão, destinado a ser o cenário de uma das grandes aventuras da Humanidade. Não podemos afirmar nossa ação sem que antes resolutamente afirmemos nossa capacidade de ação. Não poderemos opinar com segurança sobre problemas alheios se nos revelarmos incapazes de dar pronta e eficaz solução a nossos próprios problemas. Desejamos formar ao lado do Ocidente, mas não desejamos constituir o seu proletariado. Queremos participar do mundo do presente, com todos os seus perigos e incertezas, mas também com tôdas as suas promessas e esperanças.

1025

Não fugiremos a nenhuma de nossas obrigações, mas tampouco renunciaremos a qualquer um de nossos direitos.

Essa a premissa, a base, a motivação da Operação Pan-Americana. 1026

Nascido do imperativo de disciplinar as relações entre povos que apenas emergiam para uma existência independente, fixando-lhes os direitos e deveres recíprocos, o pan-americanismo se vinha definindo até agora como um ordenamento político-jurídico, num esforço de consolidação das novas nacionalidades que se afirmavam na comunidade dos Estados. A doutrina de Monroe, o princípio de não-intervenção e da igualdade jurídica dos Estados constituíam os grandes temas que sempre repontavam nas agendas das Conferências Pan-Americanas e encontravam expressão eloqüente na voz de estadistas do Continente em conclaves de âmbito universal. 1027

Ausentes de suas preocupações e distantes de sua oratória, tôda ela dirigida para os interesses dos Estados, andavam os problemas do homem e de seu direito a uma existência compatível com as suas exigências fundamentais. A defesa contra o perigo da agressão e domínio externos tornava impossível a luta contra a penúria e contra a miséria. À solidariedade que já se delineava para a defesa das novas soberanias não correspondia um sentimento de necessidade de uma ação unilateral no terreno das realizações econômicas. Nesse setor que hoje se nos afigura de importância capital, tudo se deixava à iniciativa individual e à mercê dos recursos precários de cada Estado. 1028

Não seria justo, entretanto, lamentar ênfase tão absorvente na defesa da liberdade, esta mesma liberdade que nos permite hoje apresentar com desassombro e destemor o problema do subdesenvolvimento no Hemisfério. A baixa renda real *per capita* em extensas áreas da América Latina, praticamente imobilizada pela ausência de maiores investimentos exteriores, e de assistência técnica apreciável, pelas violentas flutuações nos preços das matérias-primas nos mercados inter- 1029



nacionais, está a exigir, no próprio interêsse da causa Ocidental, uma cooperação econômica mais estreita entre os Estados Americanos. Malgrado esforços isolados ou conjuntos, de publicistas e de entidades públicas e privadas, nacionais e internacionais, no sentido da caracterização dos fatores de subdesenvolvimento e das medidas a serem adotadas para removê-los, a verdade é que nada ou quase nada se havia feito de positivo, com o conseqüente enfraquecimento orgânico do sistema interamericano sujeito, assim, a um inevitável processo de obsolescência.

1030

Consciente dêsse perigo, de minhas responsabilidades para com o povo brasileiro e dos deveres do Brasil perante a comunidade americana, tomei a decisão de dirigir-me ao Presidente dos Estados Unidos da América em mensagem que seria o prenúncio de uma ação diplomática intensíssima, destinada a abrir novas perspectivas para as relações entre os povos do Hemisfério e o fortalecimento da unidade continental. Propunha, então, um exame coletivo de consciência para apurar se estávamos em verdade envidando todos os esforços para transformar o Pan-Americanismo em uma realidade viva e palpitante. A receptividade que encontrei no espírito do Presidente Eisenhower, também preocupado com o tormentoso problema que eu agitara, animou-me a procurar o apoio das demais Repúblicas Americanas. Esse apoio, generoso e imediato, irrestrito e espontâneo, constituiu a melhor segurança da vitalidade do Pan-Americanismo como sistema capaz de adaptar-se a novas exigências da cooperação, num campo em que se revela insuficiente a ação individual.

1031

O subdesenvolvimento ficava assim caracterizado como uma responsabilidade coletiva das Américas.

1032

Já agora o problema estava definido e delimitado; tratava-se tão-sòmente de buscar para um assunto de interêsse comum as soluções mais adequadas e mais viáveis.

O longo e paciente trabalho de consulta entre tôdas as Chancelarias do Hemisfério deveria conduzir-nos à recente reunião de Ministros das Relações Exteriores em Washington. Essa reunião veio revelar alto grau de realismo e de maturidade no pensamento político latino-americano, que não mais se satisfaz com a mera enunciação de conceitos imprecisos e abstratos de co-operação interamericana.

1033

Em reuniões dêsse tipo não se poderia tomar decisões nem pactuar direitos ou obrigações recíprocas. Tratava-se, antes de tudo, de uma primeira tomada de contato com um problema comum e com um meio de resolvê-lo. Posso, entretanto, dizer-vos com segurança e sem qualquer falso otimismo, que todos os objetivos básicos do Brasil foram plenamente atingidos. Obtivemos reconhecimento explícito de nossa tese que vincula indissolúvelmente os dois conceitos de segurança coletiva e de desenvolvimento econômico. Vimos aceitos pela unanimidade das Repúblicas Americanas os seis pontos da agenda que submetêramos às Chancelarias do Hemisfério com o memorando brasileiro de 9 de agosto do corrente ano; conseguimos o estabelecimento, dentro do âmbito da Organização dos Estados Americanos, de uma Comissão Especial de 21 membros, com características e atribuições substancialmente idênticas às sugeridas pelo Brasil. Uma idéia brasileira se transformou, assim, em uma grande responsabilidade interamericana.

1034

A recordação dos primeiros êxitos obtidos não deve, entretanto, desviar os nossos olhos do longo e áspero caminho a percorrer. Ainda temos diante de nós toda uma série de gestões a realizar, de pontos a esclarecer, de opiniões a reconciliar. O desenvolvimento econômico é, antes de tudo, a responsabilidade individual de um determinado país e sabemos perfeitamente que cada Estado americano oferece condições peculiaríssimas de que sômente os seus dirigentes, os seus esta-

1035

distas e os seus técnicos podem ajuizar com autoridade e com segurança. Sabemos que todo programa de desenvolvimento econômico é necessariamente um programa a longo prazo, dada a necessidade de se assentarem previamente as condições técnicas indispensáveis à concepção e execução de tal programa. Sabemos da existência de toda uma série de preconceitos a superar e a desenvolver. Mas sabemos igualmente que o desenvolvimento é um processo de expansão, que poderá tomar conta de si mesmo, com uma dinâmica própria, se lhe fôr dado um generoso impulso inicial.

1036

O que é indispensável é que nos aproximemos deste problema com espírito inteiramente aberto e construtivo, que tenhamos a convicção íntima de que enveredamos por um novo e promissor caminho de cooperação interamericana e que não nos limitemos à repetição mecânica de velhas alegações e de pessimismos estéreis, que certamente não poderão contribuir para o êxito da tarefa gigantesca em que nos empenhamos. Ninguém logicamente poderá desconhecer a validade do argumento de que o desenvolvimento econômico é a responsabilidade imediata de cada Estado e de cada povo americano. Cada uma das Repúblicas Americanas apresenta condições peculiaríssimas de que somente os seus estadistas e os seus dirigentes podem ajuizar com segurança e com autoridade. Essa linha de raciocínio, perfeitamente legítima e procedente, deve, entretanto, constituir o fundamento da ação multilateral que planejamos e não a negação de sua possibilidade, num estágio do Pan-Americanismo em que o problema do subdesenvolvimento se apresenta com um caráter premente, carregado de ameaças de desajustamentos sociais.

1037

Reconheço que a história do Pan-Americanismo no terreno econômico e social é uma longa procissão de sonhos não realizados, de propósitos abandonados, de amargas decepções e frustrações. Em mais de uma

ocasião, quando do encerramento de reuniões interamericanas, separamo-nos com a convicção de que havíamos lançado as bases de uma cooperação mais real e mais tangível e, em mais de uma ocasião, vimos nossas boas intenções derrotadas pelas linhas rotineiras de pensamento e por uma inércia diplomática que nos condenava à platônica reiteração de fórmulas sedições. Tudo isso antepunha uma barreira de retórica a qualquer ação pioneira no campo da luta contra o subdesenvolvimento. É imperativo que isto, desta vez, não aconteça, e devo afirmar de público que o Governo brasileiro não recuará em sua determinação de levar avante a Operação Pan-Americana, quaisquer que sejam as dificuldades a encontrar e a superar, partam elas de onde partirem, como um movimento justo e perfeitamente delineado, um ímpeto de redenção econômica e de defesa dos valores morais e espirituais do Ocidente. É imperativo que caracterizemos o subdesenvolvimento como um problema pan-americano, que deve preocupar igualmente a todos os povos do Hemisfério, qualquer que seja o estágio de sua evolução econômica e industrial. É imperativo que os nossos povos e as nossas nacionalidades passem a ver no Pan-Americanismo uma força política de progresso econômico e social e não apenas um artifício jurídico, uma atitude intelectual ou um jôgo de imagens nobres e generosas.

O objetivo primordial da Operação será, assim, o de implantar o ideal pan-americano — de vida, de convivência e de colaboração — na consciência dos povos do Hemisfério e não apenas nas declarações públicas e nos pronunciamentos de seus dirigentes. Nossa política de índole essencialmente cristã recebe do homem o seu impulso e vê no homem a sua finalidade.

Se os estadistas responsáveis pela vida, pela felicidade e pelo bem-estar social dos povos americanos

1038

1039

não souberem aproveitar esta magnífica oportunidade para transformar em realidade os ideais inscritos e consubstanciados na Carta da Organização dos Estados Americanos, se, ao invés de nos arrojarmos nas grandes veredas do futuro, novamente nos perdermos em um labirinto de fórmulas e conceituações imprecisas, então encontraremos dificuldades cada vez maiores em evitar que as nossas massas abandonadas e desprotegidas, ressentidas e desesperadas, venham a procurar solução para seus problemas inadiáveis em modalidades políticas e sociais destruidoras de nossa liberdade, de nossa paz social e de nossos fundamentos cristãos.

1040 A Operação Pan-Americana parte, assim, da premissa política de que o desenvolvimento econômico é hoje inseparável do conceito de segurança coletiva e constitui a condição necessária da salvaguarda de nossa liberdade. Não mais se trata, como no passado, de determinar se a liberdade é mais importante do que o desenvolvimento. As duas idéias hoje se justapõem e se confundem.

1041 É para este perigo materialista — perigo real e indisfarçável — que não podemos vender os nossos olhos, por mais desagradável e desalentadora que seja a realidade. E é a consciência desse estado de coisas que há de transformar o grande sonho brasileiro da Operação Pan-Americana na mais palpitante das construções políticas e das realizações humanas.

1042 É esse o caminho a seguir, o único caminho diante de nós, se queremos — e realmente não temos alternativa — conservar-nos fiéis a nós mesmos, à democracia que nos defende e à América que nos inspira. E esse caminho não é senão o caminho da fé e da liberdade.

1043 Não nos atiramos, com a Operação Pan-Americana, numa fantasia, nem procuramos deixar-nos conduzir por palavras; não aspiramos ao impossível, nem queremos mudar a face das coisas de forma definitiva.

Nossa intenção, a intenção do Governo brasileiro, e que teve imediatamente eco, resposta, acôrdo, aplauso e concordância da fraternidade continental foi a de chamar a atenção para uma realidade. Esta realidade é que as coisas não podem continuar indefinidamente como estão nesta parte do mundo, neste grande pedaço da América. 1044

Não é possível que não atentemos na necessidade estratégica de nos desenvolvermos em conjunto e de crescermos, de aumentarmos o nosso poder, a nossa capacidade de ação — pois formamos ao lado das idéias do Ocidente — integramo-nos numa grande causa cujo princípio vital consiste no desejo de promover a justiça, de melhorar as condições de vida dos seres humanos, de dar-lhes condições de existência de acôrdo com a sua dignidade. 1045

Se estamos todos prontos a aceitar que a política do bloco soviético, que procura impor o ateísmo ao mundo como filosofia e ideal dos povos, necessita da revolta criada pelo depauperamento e pela miséria para impor-se; se estamos certos disso, não podemos deixar de concluir que devemos militar em sentido contrário, para vermos triunfante e assegurada a democracia, a liberdade. 1046

Não nos moveu à Operação Pan-Americana senão o desejo ardente de alertar o Continente para os perigos a que estaremos sujeitos, se praticarmos a má política de dar boas razões a uma causa que reputamos má. E não há razões mais convincentes da sua oportunidade que consentirmos na existência, neste Continente livre e naturalmente rico, de grandes massas desabrigadas, desatendidas num mínimo de confôrto. 1047

Que é possível esperar de tôdas essas sementes de desesperô espalhadas nas vastas regiões do Novo Mundo? Que colheita podem ter de tanta pobreza, de tantas vidas que nada apresentam de aceitável, os que consideram que a criatura feita à imagem e seme- 1048

lhança de Deus, tem o direito a receber o tratamento que merece ?

1049 Vivemos uma hora difícil em toda parte. Uma hora de divisão e perigo. É importante que não nos descuidemos mais do que se passa, que nos acautelamos de falhas e fraquezas em nossas hostes.

1050 Mais do que um programa de estudos econômicos, do que um ensaio nessa direção — a Operação Pan-Americana é uma política e, principalmente, um grito de alerta grave e sério.

1051 É inútil fechar os olhos à realidade; se o fizermos, a realidade abrirá as nossas pálpebras e nos imporá a sua presença. E a realidade é que o descontentamento e o mal-estar começam a tornar-se cada vez mais fortes entre os que ainda há pouco mantinham uma espécie de alheamento provocado pelas longas e duras privações. O raciocínio, que antecede o julgamento, principia a despontar em consciências que pareciam indefinidamente adormecidas pelo sofrimento. E se não é bastante o impulso de solidariedade humana, pelo menos devemos, por razões de ordem política, por lucidez e na salvaguarda dos nossos princípios e de nossa causa, pregar uma doutrina de desenvolvimento, e passar, desde logo, à ação criadora, erradicadora da miséria.

1052 Este é o mais sério problema, esta a missão regional da Operação Pan-Americana.

1053 Não bastará que o Comitê dos 21 países, que se reunirá a 17 de novembro próximo em Washington, se dedique a estudos prolongados, a desenvolver teses e a propor medidas de saneamento das economias de numerosos países americanos; o que se espera dêse encontro que prevemos histórico é uma deliberação firme e nítida de mudar a face das coisas, de iniciar uma campanha de restauração, dessa esperança sem a qual não há nada que perdure e resista.